



DO OUTRO LADO DO TÚNEL

Hoje, acordei me sentindo um pouco estranha, não sei alguma coisa me fazia sentir uma imensa paz, mas nada em especial havia acontecido. Peguei um café e sentei-me na varanda. O que será que me fazia sentir aquela sensação que jamais havia experimentado? – eu me perguntei.

Buscando em minha mente, me recordei do sonho que tivera na noite que se passou e fiquei revivendo os detalhes. Este sonho começou angustiante, eu estava em um hospital, havia descoberto há pouco tempo que tinha uma doença degenerativa. Pelo jeito, meu lado psicológico havia piorado a situação para que já estivesse internada. Ao meu lado estava minha mãe, com os olhos vermelhos, lacrimejando, ela parecia transtornada. Ouvi outras vozes que vinham do lado de fora do quarto, deviam ser parentes ou alguns amigos.

De repente, senti um grande aperto no peito, uma dor forte, uma agonia, e logo depois, meus músculos foram relaxando, se soltando e senti uma leveza que não sentia desde que havia descoberto a doença. Só depois compreendi o que estava acontecendo: eu tinha morrido.

Acordei num lugar estranho, jamais havia estado ali, me lembrei do hospital, da doença, da minha mãe, me senti insegura, porém, estava me sentindo leve, não apenas pela doença, mas por estar livre de maus sentimentos, da preocupação, do medo. Quando me levantei, percebi que havia alguém ao meu lado, era uma mulher. Ela me deu um sorriso acolhedor e disse que logo eu compreenderia tudo, que eu não me atormentasse com as incertezas. Mas por estar livre da doença, alguma coisa em mim já sabia o que acontecera.

Esta mulher, que a princípio pensei que fosse meu anjo da guarda ou um outro ser angelical, me guiou por um caminho que parecia não ter fim, era como um túnel, percebi que caminhávamos rápido e logo chegamos ao seu final. Chegamos em um lugar de paz, com muitas árvores, todo gramado, com flores, vi muitas pessoas orando, ajoelhadas, me perguntei se estávamos no céu, entretanto, não me achava merecedora para estar neste lugar, porém depois vi pessoas que traziam os olhos fechados e batiam-se com chicotes sem parar. Reparei que todas as pessoas usavam uma veste branca, assim como eu. Não havia gordos ou magros, bonitos ou feios, pois estávamos libertos dos sentimentos que nos levavam a analisar estas diferenças. Também não havia idiomas, todos falavam uma só língua, que não era o português, o inglês ou o espanhol, era a linguagem do coração, todos se entendiam, parecia um dialeto novo, mas que a gente já nasce falando e compreendendo.

Continuamos caminhando até nos depararmos com uma capela, parecia uma velha igreja, só que bem conservada. Pensei que ela fosse me abrir a porta, mas ela parou ali na frente. E então me disse:

- Você deve estar cheia de dúvidas, não se preocupe, eu também já passei por isso, mas quando você entrar aí vai sentir o amor Daquele que é maior do que todos nós, e então você compreenderá tudo que está acontecendo agora e o que já aconteceu há muito tempo, tente deixar a sua mente aberta que Ele te guiará.

Dizendo isto ela se foi.

Com um pouco de receio, abri a porta, o local tinha uma luz fraca, diversos bancos, algumas pessoas ajoelhadas, algumas choravam calmamente. Lá na frente, havia um altar com uma mesa coberta por uma toalha branca. Olhei ao meu redor, não havia nada nas paredes, e absolutamente nada que me chamasse a atenção, resolvi ajoelhar-me, deixei a mente vagar.



Lembrei-me do momento do meu nascimento e compreendi que antes disso não me era permitido saber, entretanto, eu já carregava uma bagagem, eram experiências de vida que eu já trazia, mas não eram do local onde eu estava nascendo, era de um mundo do qual eu já não podia me lembrar. Toda a minha vida foi passando diante de mim, minha infância com as brincadeiras, a presença de seus pais, os aniversários, tudo muito doce; na adolescência, já apareciam alguns resquícios de revolta, as brigas com os pais, os namorados, as primeiras mágoas; já na vida adulta, os problemas de trabalho, faculdade, contas a pagar. Mas percebi que no meio disso tudo, o que importava não eram esses ventos da vida, e sim as vezes em que perdoei alguém, que pedi perdão, que reconheci meus erros, que ajudei alguém, os momentos em que fiz o bem ou que cresci emocionalmente, e acima de tudo, o que mais importava era como tinha lidado com meus sentimentos, como agi nos momentos de raiva e dor, nos momentos de reflexão, solidão, e nos momentos de solidariedade, parecia que a minha principal missão na Terra, assim como a de todos nós, era de melhorar a mim mesma, através dos problemas que eu reclamava por ter que enfrentar, ou de me comover com os problemas das outras pessoas. Muitas vezes agi errado, diferente da vontade Dele, e somente eu fui prejudicada, pois a vontade Dele em primeiro lugar fará bem a mim mesma, porém as conseqüências sempre eram abrandadas por Seu amor.

Quando Ele achou que a minha missão se cumpriu, me levou. Ainda pude ver minha mãe chorando, meus amigos, o enterro, mas eram só lembranças que eu nem sabia que tinha. Eu havia dormido muitas semanas até me recuperar e por isso não tinha presenciado esses momentos.

Ao acordar, estava numa espécie de enfermaria, onde me curava dos males que havia sofrido, a mulher ao meu lado era uma pessoa como eu, que havia voltado àquele mundo após ter vivido em outro, talvez nem fosse na Terra, mas ela já tinha se curado, e sua missão agora era acolher aqueles que chegavam. Na enfermaria, havia muitas pessoas se curando, não apenas deste mundo, mas de todos os outros onde há pessoas semelhantes a nós.

O lugar no fim do túnel, era o céu, o inferno e o purgatório, pois estes podem ser encontrados em qualquer lugar, já que a diferença está dentro de nós mesmos, nos nossos sentimentos, no nosso estado de espírito. Enquanto alguns aproveitavam o verde das árvores, a relva, o frescor da brisa, a paz; outros surravam-se de olhos fechados, atormentados por seus arrependimentos; outros ainda bastava o poder da oração, para sentirem a presença de Deus que desperdiçaram em suas vidas nos outros mundos e agora tinham essa necessidade.

Ao final, reconheci tudo que fiz de errado, tive a oportunidade de me arrepender, mas de algumas atitudes ainda sobravam fragmentos de mágoas que não deixavam que eu me libertasse para cumprir minha nova missão, naquele ou em outro mundo. Percebi que ainda tinha muito a aprender, com humildade e paciência; até onde iria chegar não me foi revelado, tem coisas que a gente tem de esperar a hora para saber para não mudarmos a situação antes que tenhamos aprendido o suficiente, assim talvez estejamos adiando ainda mais o aprendizado. Pude também sentir que Ele não nos condena no que fazemos de errado, mas sofre porque teremos um preço a pagar por nossas faltas, percebi como Seu amor é grande por todos nós, e sei que posso confiar no caminho para o qual Ele me guiará, pois só o que há de bom me será dado. Recebi então minha sentença, eu havia sido dispersa de Sua presença, não tinha acreditado o suficiente, pelo resto eu já havia pago com a doença, além do que me arrependi, mas esta fatalidade só poderia ser banida depois de muita oração.



Passei muito tempo naquela capela, talvez anos, mas o tempo ali era apenas um detalhe, não havia pressa, já que o mais importante era o que se deveria aprender. Senti saudade de meus pais, e pude vê-los, devia estar completando alguns anos que eu tinha saído da Terra, pois minha mãe levava flores ao meu túmulo, porém agora era hora de me desligar destas lembranças, uma nova missão me aguardava.

Tinha, então, cumprido minha pena, se é que poderia ser assim considerada, pois não havia sido penoso, e agora a paz em mim era completa. Abri a porta para sair. Foi quando abri os olhos e acordei em minha cama, no meu quarto, me sentindo diferente, e levantando em seguida para tomar café.

Denise Ferreira Chimirri
10.02.2006